

IV

ENTREVISTA

Uma voz diferente entre tantas outras - Entrevista com Ivone Gebara

Mara Vidal

Há mais de 18 meses Ivone Gebara concedeu uma entrevista à Revista *Veja*, intitulada *O aborto não é pecado*, realizada com o apoio de mulheres do movimento feminista que acreditavam e acreditam estar na hora de mostrar as outras vozes existentes no interior das igrejas, e nesse caso na Igreja Católica Apostólica Romana, pensando de forma diferente com relação a esse assunto que atinge diretamente a vida de milhões de mulheres brasileiras.

Pensar diferente dentro de uma estrutura, na qual o poder está nas mãos dos homens, distantes do cotidiano e das questões que envolvem a vida das mulheres, tem sido um dos problemas vividos pela teóloga e filósofa feminista Ivone Gebara, que após essa entrevista sofreu a experiência da pressão eclesial e de alguns setores da sociedade, exigindo uma retratação sobre o assunto. E, em contrapartida, esta entrevista foi mais um instrumento para impulsionar a discussão "acalorada" de diversos setores da sociedade (religiosos, políticos, judiciários e os movimentos sociais entre outros) nas suas diferentes posturas, a favor ou contra a descriminalização e legalização do aborto. Além de obter o apoio e a solidariedade de vários grupos de mulheres, desde as dos movimentos populares até as intelectuais, que entendem como ela que não é admissível que cerca de 4 mulheres morram por dia pelas condições de risco em que são realizados os abortos clandestinos.

Paulista, com 50 anos, dos quais 20 são marcados pela experiência de morar no nordeste brasileiro, especificamente na região metropolitana de Recife, Pernambuco, no município de Camaragibe, Ivone é doutora em filosofia, mas fez sua licenciatura e seu mestrado em teologia.

Religiosa da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora, fundada na França no século XVI, hoje seu trabalho é reconhecido como sendo na perspectiva ecofeminista, como ela mesmo afirma a questão: "*é a junção do feminismo com ecologia*", uma das formas de abordagem das questões de gênero. Trata desse tema na teologia. Isso faz com que há 5 anos ela se sinta *meio nômade* por andar por diferentes lugares do Brasil e do mundo atendendo a diferentes grupos, desde a academia até o meio popular, e colaborando com várias revistas.

Foi em uma dessas andanças pelo mundo que Ivone passou por São Paulo, em janeiro deste ano, e falou um pouco da sua história e de suas opiniões sobre questões ligadas à presença da mulher nas religiões:

MANDRÁGORA: *Quais os questionamentos que permeiam seu trabalho enquanto filósofa e teóloga?*

IVONE: Não faço uma teologia que lida apenas com escritos teológicos e com a Bíblia, mas a minha teologia é sempre ligada a escritos filosóficos. Me preocupo sempre em fazer a pergunta: *A que experiência humana corresponde tal afirmação teológica?* Essa é uma das perguntas que me é muito clara e que me habita continuamente em tudo que faço.

Foram me fazendo teóloga feminista. Você começa a denunciar um tipo de opressão, as pessoas acolhem a tua denúncia e vão te fazendo também.

Às vezes, a gente perde a experiência humana fundante e fica repetindo certas fórmulas teológicas, e a repetição de formas passa a ser denominada de teologia. Na realidade, essa repetição corresponde a um tipo de experiência humana, foi construída em cima de uma vivência, quer tenha ela sentido hoje para nós, quer não tenha. Mas ela foi construída assim e consequentemente está vinculada àquela experiência de origem.

MANDRÁGORA: *Há 20 anos você mora no nordeste do Brasil, o que a fez optar por aquela região e especificamente Camaragibe e Recife?*

IVONE: O nordeste foi uma aventura, um acaso. Eu ainda era estudante em Louvain, na Bélgica, quando recebi um convite do Instituto de Teologia do Recife para substituir o padre José Comblin, que tinha sido expulso do Brasil. Naquele tempo eu era estudante no doutorado, mas mantinha um contrato de trabalho na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por já ter dado aulas durante 2 anos antes. Minha intenção era voltar para a PUC de São Paulo. Mesmo assim aceitei o convite e fui dar aulas em Recife. Gostei muito

e gostaram de mim. Pediram que ficasse 6 meses no nordeste, os outros 6 meses estaria em São Paulo. Aceitei por um ano, mas depois tive que me decidir e me fixar em um dos dois lugares. Optei pelo nordeste. Me apaixonei. Gosto muito daquela terra. Acho que devo a ela muito do que sou hoje, sobretudo quanto aos desafios que o povo nordestino me tem lançado. Desafio que vem da pobreza, desafio que vem de diferentes grupos de mulheres. Ando pelo mundo mas eu sinto que minha casa é lá.

MANDRÁGORA: *Você hoje é conhecida como uma das teólogas feministas na América Latina. Quando o seu trabalho passou a considerar a situação de vida das mulheres e as questões que estão presentes no movimento feminista?*

IVONE: Posso dizer que o meu trabalho feminista começou nos anos 80 e a partir de diferentes caminhos. Um primeiro caminho, que eu diria mais teórico, foi a leitura de alguns artigos de teólogas européias e norte-americanas que chamavam atenção para a questão da linguagem teológica, para o patriarcalismo. Aliás, patriarcalismo era uma palavra que não estava em meu vocabulário, como também feminismo não estava. Apesar de ter estudado na Bélgica, acho que refiz minha teologia quando comecei a trabalhar no nordeste e a refiz através da teologia da libertação. Digamos assim: eu não tinha propriamente essa preocupação com o feminismo, tinha ouvido, lido algumas poucas coisas do feminismo da norte-americana Beth Friedan, mas que para nós chegava sempre deturpado como uma reivindicação radical, como uma coisa de burguesa. Por isso considero que mais seriamente foi nos anos 80 que eu li artigos. Aí aconteceu um primeiro acordar. Um segundo acordar se deu pelo fato de eu morar num bairro popular e trabalhar numa equipe interdisciplinar de formação teológica. Sentia que as perguntas das mulheres não tinham respostas. É como se eu sentisse uma espécie de vazio, entre as perguntas que as mulheres pobres faziam e a nossa atuação junto a elas. Por exemplo, a questão da sobrevivência, da sexualidade. Tenho que confessar para você que isso tudo era novo. Começava a ligar minhas antenas para as questões das mulheres do meio popular, talvez porque eu comecei a ler mais. Acho que veio daí meu interesse. Eu fui me fazendo, assim como foram me fazendo teóloga feminista. Acredito que há esse duplo movimento. Você começa a denunciar um tipo de opressão, as pessoas acolhem a tua denúncia e vão te fazendo também. Esse movimento na minha vida tem sido um processo em crescimento. Cada vez estou mais convencida de que há um caminho através do feminis-

mo, se bem que eu também tenho lutado para que o feminismo não se torne um dogmatismo, não se torne uma igreja fechada na qual existem leis rígidas, pelas quais você é julgada feminista ou não. Percebi que esse movimento feminista é extremamente amplo e que hoje tem várias tonalidades, várias vozes, várias reivindicações. Sei que as reivindicações das mulheres do meio popular não são as mesmas do feminismo, digamos intelectual, embora pense que muitas coisas coincidem. As reivindicações das mulheres negras não são as mesmas das mulheres brancas. Percebi isso muito claramente nos Estados Unidos. No ano passado passei seis meses trabalhando e estudando lá e tive a graça de encontrar várias mulheres negras e por várias vezes. Duas delas lembro com carinho, a teóloga negra Shawn Copland e a outra Delores Willians. Pude ver e achei superinteressante como elas têm coragem de abordar certas questões do cristianismo e dizer: "isso não serve para mulher negra", ou "isto é muito opressor para mulher negra". Isso me fez perceber com muita clareza que temos que aceitar discursos diferentes, mas também temos que nos unir numa causa comum.

No concerto das nações, há regiões do mundo que podem morrer. Todos que quisermos colocar nesse concerto de etnias, mas que são pobres, podem morrer.

Para mim a causa comum é salvar o *habitat*, que é essa terra, é salvar a humanidade que nós somos. Precisaremos saber articular semelhança e diferença. Para mim, hoje, esse é o grande desafio. É nesse sentido que eu me sinto na perspectiva ecofeminista. Essas minhas colegas negras também estão trabalhando neste nível do ecofeminismo e há outras companheiras. Penso que temos pontos em comum. E a gente pode avançar.

MANDRÁGORA: *Você fala em ecofeminismo. Isso significa remeter-se à natureza em função da elaboração de uma proposta para o feminismo?*

IVONE: Tem gente que desenvolve a questão do ecofeminismo a partir de uma reflexão rousseauiana, ligada a Jean-Jacques Rousseau, ou seja, a volta à natureza como se ela fosse incorruptível. O ideal estaria nela que é nossa mãe, nossa mestra. Essa é uma corrente que existe sim, sem dúvida, mas ela corresponde muito mais ao naturalismo do século XVIII. Não estou nesta perspectiva. A minha perspectiva é do

século XX, de final de milênio, e parte do seguinte princípio: cabe a nós seres humanos abrir os olhos e olhar que grupos humanos estão mais oprimidos hoje. Além disso cabe-nos fazer a pergunta: A terra, onde a gente vive, a terra que também somos nós, será que ela também tem participado dessa opressão dos diferentes grupos humanos? E a grande constatação é que sim. Basta ver todo o capitalismo desse último século e particularmente o capitalismo neoliberal. A gente tem visto o quanto rios, mares e ares têm sido depredados por conta do lucro e o quanto certas populações podem ser e são dizimadas. Quer dizer, o que não interessa, é destinado à morte. Basta você ver parte do continente africano, o que aconteceu neste último ano em Ruanda: mais de um milhão de pessoas foram mortas. Todo mundo: gritou, gritou. E daí? Se você vê a Somália, é a mesma coisa, e se você olhar para o Chade, tudo se repete novamente. Olhe, no concerto das nações, há regiões do mundo que podem morrer. A África é uma das regiões que pode morrer. Você olha para América Latina e é a mesma coisa. Há países de população indígena, e esses podem morrer. Os brancos pobres, negros, indígenas e todos que quisermos colocar nesse concerto de etnias, mas que são pobres, esses podem morrer. Isso significa que há uma análise econômica/social/antropológica/política/religiosa que deve ser refeita para mostrar a conexão entre a destruição de certos povos, da terra, na qual vivem esses povos, e a destruição também das mulheres. Fiquei muito impressionada, por exemplo na posse de Fernando Henrique Cardoso: todos os nomeados a ministros eram homens. A política é masculina, a economia, tirando a Dorothea Werneck, é masculina. Estou citando um exemplo do Brasil, mas em todas as partes do mundo ocorre o mesmo. E pátria? O que quer dizer pátria? Vem de pai. É o lugar do pai. Quem governa a pátria é o pai e nós ficamos repetindo terra mãe. Terra mãe! Que terra mãe? Terra mãe não tem valor nenhum, o que há é a dominação do patriarca, do patriarcalismo.

A minha perspectiva ecofeminista não está trabalhando com os referenciais do século XVIII. O que coloco de novidade é que a partir dos referenciais atuais estamos fazendo a conexão: mulher e natureza. Interessante é que algumas pessoas dizem: falar de ecofeminismo é, por parte das mulheres, uma apropriação indevida da ecologia. Eu digo: não! Você fala hoje em sociologia feminista, psicologia feminista, teologia feminista, então você também pode falar em uma ecologia feminista.

A ecologia feminista tem a finalidade de denunciar essa conexão entre a opressão das mulheres e a opressão da natureza. Não identifico mulher e natureza, mas o mesmo sistema que se julga no direito de determinar, explorar, e fazer com que a natureza produza, é o sistema que domina as mulheres, faz com que nós produzamos e reproduzamos, controla-nos. Assim

como controla a natureza, controla o nosso corpo. Você vai percebendo que existem conexões que são perceptíveis, eu diria, a olho nu.

MANDRÁGORA: *Há um ano e meio você ficou sendo conhecida nacionalmente como a primeira religiosa a se pronunciar pela descriminalização e legalização do aborto no Brasil e, por isso, se tornou alvo da repressão eclesial. O discurso dos direitos reprodutivos e do aborto está na pauta de luta das mulheres no mundo inteiro e as religiosas nunca se colocaram diante desse assunto. Qual é a relação entre direitos reprodutivos e teologia?*

IVONE: Acho que nós teólogas e pessoas das diferentes igrejas acordamos muito tarde para a questão da sexualidade humana, que é mais ampla que o direito reprodutivo. Não tivemos como preocupação prioritária a realidade corporal. Não é ter consciência que temos corpo e, sim, que nós somos corpo sexuado. Então, foram as feministas as primeiras a levantar a bandeira dos direitos reprodutivos, da sexualidade, saúde da mulher, saúde das crianças. Elas foram as primeiras a trabalhar com a questão da educação sexual das meninas e adolescentes. Sinto as teólogas muito tímidas em relação a essa reflexão na América Latina, o que é diferente nos Estados Unidos. Na América Latina nós somos muito tímidas, eu sou muito tímida. Acho que ousei porque sou uma pessoa que falo muito a partir das minhas vísceras e, como eu te disse, morando em um bairro popular, tive que ouvir muitas mulheres e jovens que viveram situações incríveis de violência em relação à sociedade, porque abortavam ou não tinham condições humanas de guardar a filha/o filho. Eu não entrei nessa reflexão por vias teóricas. Interessante, após a entrevista que dei à *Veja*, muitas pessoas me procuravam como se eu fosse especialista em Direitos Reprodutivos. Mas essa não é a minha área. Como já disse, trabalho as questões de fronteira entre a filosofia e a teologia, a questão de Deus, a Trindade, o bem e o mal, questões éticas ligadas à pessoa humana de forma mais ampla. Nunca trabalhei essa questão da descriminalização do aborto especificamente. Entrei pelas vísceras e porque algumas feministas me pediram que fizesse aquela entrevista como teóloga. A finalidade era fazer ver que no seio da Igreja Católica há pessoas que pensam diferente.

Nós teólogas estamos ainda numa fase incipiente. Estamos começando a trabalhar essas questões. Achei admirável que o primeiro número de Mandrágora tocasse nesse problema. Mas é recente. Nós ainda não temos uma tradição, uma linha comum, e o Brasil ainda está avançando. Há outros países da América Latina em que esse assunto nem pode ser tocado, porque a força das igrejas cristãs, de maneira particular a Igreja Católica, é ainda grande, se bem que essa força não é tão grande quanto no passado.

Há outras questões com relação à mulher que não se situam nos Direitos Reprodutivos e demonstram nossa timidez, por exemplo, a formação de teólogas negras. Temos algumas que estão começando, e ainda estão em período de formação. Não têm ainda uma elaboração própria.

Um parêntese: uma coisa que me impressionou nos Estados Unidos é a grande capacidade das teólogas negras de produzir, contar história, contar casos e com isso você tem um referencial teórico que vai se constituindo. Aqui, na América Latina, a gente quase não tem teólogas negras formadas. Temos alguns negros homens, mas quanto a mulheres intelectuais negras, que estejam fazendo sua crítica e a teologia relacionada à sua especificidade estamos ainda no começo do começo.

Nós estamos vivendo numa estrutura doentia. Toda ela é doentia. E nessa estrutura as religiões, no caso as teologias, não são oásis isentos de contaminação.

Estamos, muitas de nós, com medo das instituições, nas quais trabalhamos. Como a legalização do aborto não é aprovada por nenhuma igreja, isso se torna causa até de demissão de uma escola, universidade, escola teológica. Então, as pessoas têm que fazer o jogo do que pensam e do que podem dizer, para não perder o seu trabalho e nem escandalizar muito. Aí fica esse jogo que eu chamaria de dissimulação. Você mostra um pouquinho e esconde outro pouquinho. Isso se deve a estarmos no começo. Acho que a gente tem que abrir muito a perspectiva. Talvez nem só se fale em nível de teologia, mas se fale mais na dimensão da vida ou da espiritualidade, porque infelizmente a palavra teologia está muito ligada a trabalho masculino. Teologia é dos homens e é muito doutrinária. Apesar de que politicamente seja muito bom falar de teologia, às vezes sinto a tentação de introduzir outra palavra como que para mostrar a diferença e a importância das questões que estão sendo levantadas hoje pelas mulheres.

MANDRÁGORA: *Existem diferenças entre a teologia da libertação e a teologia feminista?*

IVONE: Existem. Sou meio suspeita para dizê-lo. O pessoal às vezes tem algumas críticas que são infundadas em relação às minhas posições. Mas eu entendo o seguinte. Estamos em uma situação de

mundo que, apesar das coisas boas que se observa aqui e acolá, é muito deprimente, se a gente olhar para os dados científicos. Como está a faixa de ozônio? Cada vez mais destruída. Como estão os nossos rios? Como está a pobreza no Brasil? É dramático: 30 milhões de brasileiros passam fome. É praticamente o número da população do Canadá. Suspeito, a partir destes dados, que estamos vivendo numa estrutura doentia. Toda ela é doentia. E nessa estrutura as religiões, no caso as teologias, não são oásis isentos de contaminação. A teologia também está contaminada por esses mesmos processos. Não é porque você usa a palavra Deus que você purificou a instituição. As forças militares usam Deus, os hospitais usam Deus e os bancos usam Deus. E os pobres clamam por Deus. O meu ponto de partida é: se você tenta um novo relacionamento com diferentes grupos humanos, isso refletirá no relacionamento com a terra, ou seja, para que o ser humano não seja mais o dominador da terra, mas seu irmão, sua irmã, bem como o de seu semelhante. Somos todos o mesmo corpo com expressões diferentes. Tenho em mim todos os elementos que existem na natureza embora de forma diferente da que existe na terra. Parto do princípio que, para restaurar as relações dos seres humanos com a terra e dos seres humanos entre si, tenho que mudar a compreensão e o comportamento, tenho que mudar também a maneira de fazer teologia. E a Teologia da Libertação, assim eu acho, tocou num ponto crucial que é a estrutura econômica como idolatria, como sistema idolátrico, produtor de miséria. E em contrapartida essa teologia afirma que o Deus da Vida é contra essa estrutura. O que a perspectiva ecofeminista introduz de novo? Ela não apenas diz que essa estrutura é injusta, mas que a própria imagem de Deus, que a gente veicula, de certa forma também é cúmplice. Ou seja, a imagem não Deus. A imagem é cúmplice, misturada, também entra num processo de vingança. Fala-se aí de Deus como o vingador dos pobres, de que Deus vai destruir tal povo em prol de outro povo. Essa estrutura que a gente, às vezes, encontra muito forte na Bíblia, foi de certa forma trabalhada na teologia da libertação. A novidade é repensar o outro, compreender de novo o ser humano. Ao compreendê-lo de novo, você vai ter que compreender de novo Deus, ou esse mistério que a gente chama Deus ou energia. Deus é um nome para esse mistério, no qual nós estamos.

A teologia da libertação deu um passo ao recuperar a tradição profética e neotestamentária de que Deus se identifica com os pobres. Acho que isso é insuficiente. A teologia ecofeminista vai dizer que nós não vamos mais falar de Deus como aquele que apenas

se identifica com os pobres, mas vamos perceber que vivemos num meio divino, que a divindade está em nós. A divindade não está acima de nós, pairando como um ser em si, cuja vontade é realizada nesse ou naquele. Mas nós somos expressão da divindade. Assim você recupera uma experiência mais difusa. Diria que esta experiência é, até certo ponto, panteísta no jeito de organizar a sociedade, de organizar os povos, os sexos, as instituições. Esta é uma utopia que queremos que exista. Parece que é um pouco por aí, que diferentes grupos, em diferentes partes do mundo, estão querendo caminhar.

Há grupos minoritários que fazem parte da tradição cristã, outros não, mas que estão percebendo a necessidade de reorganizar as nossas relações com a terra, com Deus e com os seres humanos. Trata-se de acabar com esse negócio de superioridade branca ocidental e do tipo de racionalidade masculina que vigora até os dias de hoje. Com isso não estou dizendo que sou contra a racionalidade, mas considero como muito limitada a racionalidade que domina, subjulga e anula o diferente para que um único rosto seja predominante.

MANDRÁGORA: *Ao fazermos uma leitura das relações nas igrejas, utilizando a categoria de gênero, vamos conseguir resgatar os rostos das mulheres e fortalecer a sua luta por maiores espaços?*

IVONE: Em meu trabalho teológico e filosófico, tenho denunciado que, quando se fala na filosofia, por exemplo, em ser humano, esse ser é primordialmente o ser humano masculino. Quando se define o ser humano como racional a partir da nossa herança grega, é sempre o ser masculino que é definido. Diz-se que isso é científico. É sempre uma cientificidade definida a partir dos referenciais masculinos. O mesmo se dá na nossa teologia. Por que as feministas hoje não se sentem à vontade com a imagem masculina de Deus? Por que essa imagem de Deus é expressão de uma sociedade, cujo predomínio maior é o do ser humano masculino. Elas estão numa igreja, na qual as mulheres praticamente não têm acesso ao chamado poder sagrado.

As feministas achavam que nós só tratávamos de questões limitadas ao circuito das igrejas, e cheirávamos um pouco a tradicionalismo, sacristia, incenso.

E mesmo se dá nas igrejas protestantes, onde as mulheres têm um pouco mais de acesso. O ministério



que é exercido por mulheres e homens é pensado e organizado no esquema masculino. Num dia desses eu estava conversando com uma amiga que é pastora. E ela dizia que como pastora tem também uma tríplice jornada de trabalho, porque ela tem seu trabalho como pastora, como mãe, que tem que correr para pegar os filhos na escola, olhar os deveres das crianças, e como dona de casa, que tem que prever as compras, a limpeza e cozinhar, pois a sua remuneração não dá para ter uma pessoa que ajude em casa. Portanto: ela é pastora, o que é ótimo; está havendo uma evolução. É e não é. É porque fura um certo esquema de que só os homens podem exercer o ministério de sacerdote, mas, ao mesmo tempo não é um pastorado pensado a partir da realidade da mulher, que é mãe, que tem outras responsabilidades. Não é pensado a partir de uma reestruturação do relacionamento homem e mulher. A sociedade não permite isso. E aí nós imaginamos que as igrejas são oásis, lugares e exceção, onde essas coisas irão acontecer. Os espaços para as mulheres são conquistados primeiro em nível da sociedade civil e depois

nos espaços eclesiásticos. Os espaços eclesiásticos nunca foram espaços de vanguarda.

MANDRÁGORA: *Feministas e teólogas: Quando começou o contato entre vocês?*

IVONE: Começou há quatro anos num restaurante entre Rose Marie Muraro, Luiza Tomita, Zeca (Maria José Fontelas Rosado Nunes) e eu. Zeca é socióloga. Eu me senti desafiada pela Rose quando ela dizia: Vocês teólogas têm que se abrir mais às feministas aqui, no Brasil, ao trabalho que elas estão fazendo. Foi ela que nos desafiou. A partir daí já organizamos três seminários sobre Teologia e Direitos Reprodutivos. Estou contente e descontente. Contente, porque isso foi uma conquista, um avanço. Descontente, porque vejo que, para além desses seminários, o contato entre teólogas e feministas não está sendo desenvolvido, curtido. Ainda não estabelecemos prioridades comuns de ação.

MANDRÁGORA: *Há alguma resistência nessa relação entre feministas e teólogas?*

IVONE: Acho que existe uma resistência de ambas as partes, porém de parte das feministas é coisa do passado. Elas mesmas nos disseram. Elas tinham uma desconfiança muito grande em relação às teólogas, porque achavam que nós só tratávamos de questões limitadas ao circuito das igrejas, e cheirávamos um pouco a tradicionalismo, sacristia, incenso. Por isso elas não tinham muita vontade de se aproximar das teólogas. Acredito esses três seminários romperam um pouco a desconfiança. Por seu lado, também as teólogas tinham um certo medo das feministas, medo das questões que elas levantavam, porque as questões feministas significam para nós uma luta de poder no interior das instituições eclesiásticas, por uma igualdade efetiva, porque a igualdade que nós temos nas igrejas é fictícia. No fundo do fundo, bispos e teólogos não nos levam realmente a sério. Eles nos acolhem, acham-nos tão engraçadinhas, sobretudo quando pensamos como eles, mas não é um diálogo onde a gente parte das questões que nos tocam mais profundamente.

Dizia que a desconfiança entre teólogas e feministas foi recíproca. Ela é menor hoje. Ainda assim tenho a impressão que a relação entre a gente pode correr o risco de não continuar em espírito de colaboração, pois precisamos repensar algumas questões juntas. A deficiência vem dos dois lados.

MANDRÁGORA: *Ainda pensando na problemática do diálogo com o diferente: O ecumenismo pensado pela igreja na maioria das*

vezes não está aberto a vozes que falam em outra perspectiva que não seja a do cristianismo ou da formar como o cristianismo estabelece. Por exemplo, é muito difícil um diálogo de igual para igual entre os cristãos e as religiões afro. O ecumenismo em pauta tende a ficar entre os semelhantes, incapaz de aceitar os que tem raízes, origens diferentes? E diferentes entre outras coisas porque há mulheres sacerdotisas dirigindo postos de poder e saber.

IVONE: Considero a questão da relação com a religião afro muito complexa. Vou enumerar alguns pontos, mesmo sabendo que a complexidade vai além da minha abordagem. O primeiro complicador, para além da questão de gênero, é que o cristianismo é uma religião do livro. Tem a Bíblia e em torno dela se escreveram milhares e milhares de livros e se sistematizaram pensamentos. Diria que, no fundo, se encapsula um pouco a fé cristã ou as crenças mais primitivas numa espécie de teoria cristã. O cristianismo é uma religião da escritura, ao redor da qual se discute muitas idéias. Percebo que a religião afro não tem isso, não é uma religião da escrita. E aí surge o risco de a religião escrita querer exigir que a oralidade da fé afro se traduza em conceitos. Mas ela não pode ser reduzida a conceitos. Conto para você uma experiência muito simples. Uma vez em Recife fui com um grupo de pessoas fomos conversar com um pai de santo. Depois fui conversar com uma mãe de santo. Percebi claramente que nós queríamos que eles entrassem na conceitualização da teologia cristã. Mas a coisa não é por aí. O problema está entre a oralidade e a escritura e infelizmente a escritura tem um poder maior. Este é para mim um fator significativo.

Ecumenismo significa dizer: Bem, eu respeito a tradição que a você pertence, a gente vai se dar as mãos hoje para construir a cidadania, um mundo diferente

Um segundo ponto é que a religião afro teve que sobreviver durante muito tempo no Brasil na clandestinidade. E essa clandestinidade não lhe permitiu o *status* de reconhecimento, mesmo que agora ela tenha oficialmente o *status* de reconhecimento social, na realidade não o tem de fato. Ela ainda é considerada expressão religiosa menor, como socialmente é ainda menor. Mesmo que você saiba que 80% do povo baiano é da religião afro, existe todo um processo de dissimulação. As pessoas são do candomblé, mas se

apresentam como sendo católicas ou protestantes, dizendo que não há conflitos.

O terceiro ponto que dificulta é o fato de ter sido clandestina. A religião afro teve que assimilar muitos elementos do catolicismo para poder sobreviver. Hoje essa assimilação dificulta o diálogo, pois muita gente tem a tendência de catolicizar ou cristianizar a religião afro. Por exemplo, a liturgia católica afro. Uma liturgia totalmente católica, possivelmente vai ter tambores e chocalhos, vai ter uma dança. Mas o que temos que ver, é que a estrutura básica que continua é a mesma, apenas a expressão externa passa a ser diferente.

A quarta dificuldade é a de gênero, porque há um maioria de sacerdotisas na religião afro. E isso cria, evidentemente, um problema de poder. Porque na maioria das religiões de corte cristão, e mesmo no islamismo, o poder sagrado está nas mãos masculinas. Aqui entra então um outro tipo de problema. Pois você teria que dialogar de igual para igual com as mulheres e isso é um pouco difícil. Lembro que para mim há mais pontos e complexidades.

Falando agora de ecumenismo, acho que nós mulheres devemos não trabalhar unicamente no referencial masculino, que é o diálogo a partir tão somente

de idéias, vendo quais são as idéias que se aproximam entre o catolicismo romano, a igreja luterana, metodista ou quais são os elementos dialogáveis com o candomblé. Trabalho com várias mulheres de diferentes crenças e não vejo nenhum empecilho. Acho que os nossos problemas comuns são mais importantes que as diferenças do passado que nem são nossas. Para mim falar de ecumenismo significa dizer: Bem, eu respeito a tradição a que você pertence, a gente vai se dar as mãos hoje para construir a cidadania, um mundo diferente. Isso eu acho possível. Não estou inaugurando uma comunhão idealista. Todo o nosso movimento foi, é e será conflitivo. No entanto, queria que nós como grupos de mulheres buscássemos uma aproximação a partir desse dado inicial. O mundo masculino instrumentalizou demais a religião e aí sinto que a gente deveria aprender um pouco mais com a religião afro, onde esta instrumentalização é menor. Enfim, religião tem que servir para o cotidiano. Tem que tocar a densidade do sentido da vida. Tem que tocar gratuidade. Tem que ir um pouco pela poesia, pela consolação, pela misericórdia, pela ação de graça, um pouco pelos gestos e menos pela discussão de idéias. Não sei se estou certa ou errada mas eu penso um pouco por aí.